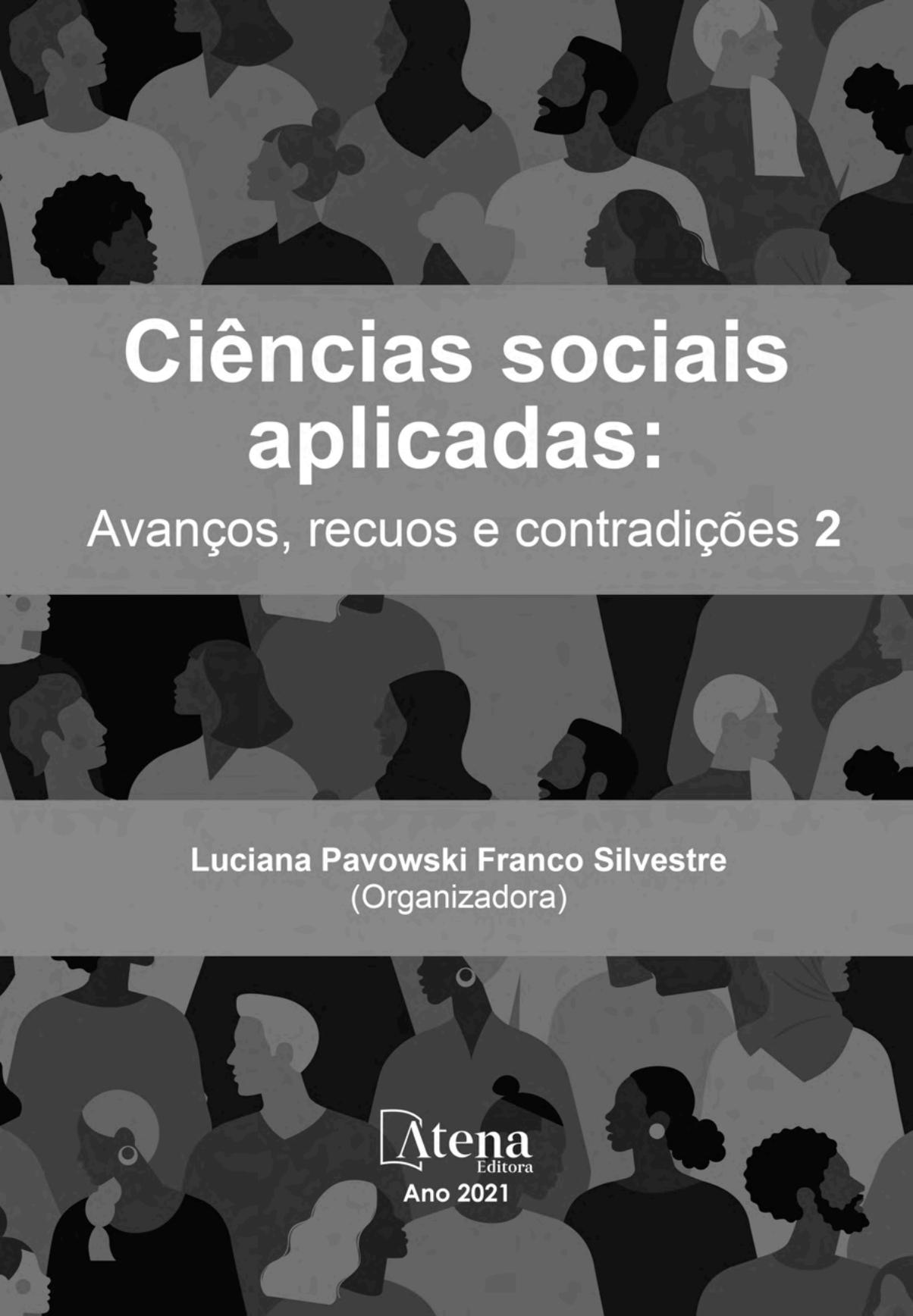


Ciências sociais aplicadas:

Avanços, recuos e contradições 2

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2021



Ciências sociais aplicadas:

Avanços, recuos e contradições 2

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências sociais aplicadas: avanços, recuos e contradições 2 / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-642-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.420211811>

1. Ciências sociais. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco (Organizadora). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: avanços, recuos e contradições 2”.

São ao todo seis artigos, através dos quais possibilita-se aos leitores e leitoras o acesso a reflexões contemporâneas acerca das relações estabelecidas na vida em sociedade.

As pesquisas realizadas permitem a leitura de análises que pautam as relações de gênero, desastres naturais, impactos da pandemia e relações com as políticas públicas e garantia de direitos em uma perspectiva de cidadania.

As temáticas eleitas ao debate ao apontar avanços e recuos, permitem a identificação das contradições presentes, registrando-se os desafios ainda existentes e a relação destes com a formação social, em uma perspectiva histórica, portanto de processo e em constante alteração.

O que nos possibilita também considerar as possibilidades e necessidades de mantermos os movimentos e atitudes investigativas que façam leituras e registros dos momentos vivenciados, bem como possam contribuir para novos arranjos, diante do que a contradição mostra-se como um elemento central.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

IMAGENS E IMAGINÁRIOS DO CAMPO JURÍDICO NA WEB EM PERÍODO DE PANDEMIA

Alexsandrina Ramos de Carvalho Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4202118111>

CAPÍTULO 2..... 14

AVALIAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA REGIÃO TURÍSTICA LITORAL DO PARANÁ NA PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DE RISCOS À DESASTRES NATURAIS

Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira

Marcelo Mariano da Rocha

Margarete Araújo Teles

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4202118112>

CAPÍTULO 3..... 30

APROXIMAÇÃO A ANÁLISE DA SITUAÇÃO DA MULHER NA CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA ARGENTINA E NO PARAGUAI A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

María Victoria Cano Colazo

Carmen Estela Colazo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4202118113>

CAPÍTULO 4..... 42

INTERVENÇÕES EM ESPAÇOS PÚBLICOS NO PÓS OCUPAÇÃO DO MINHA CASA MINHA VIDA: EXPERIÊNCIA EM CAMPINAS

Gabrielle Astier de Villatte Wheatley Okretic

Laura Machado de Mello Bueno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4202118114>

CAPÍTULO 5..... 61

PRINCIPIO GENERAL DE RESERVA LEGAL Y LIMITACIONES A LOS DERECHOS FUNDAMENTALES APLICADOS A LA PRUEBA NO REGLADA EN EL PROCESO PENAL

Fernando Martín Bertone

Pedro Eugenio Despouy Santoro

María Florencia Gabrielli

Maximiliano Cornejo

Macarena Piermattei

Jessica Jorgelina Guzmán

Juan Manuel Federico

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4202118115>

CAPÍTULO 6..... 73

EDUCANDÁRIO EUNICE WEAVER: PERCURSOS DA ASSISTÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO SUL

Antonio Cleonaldo Bento da Silva

Maria Irinilda da Silva Bezerra

Giane Lucélia Grotti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4202118116>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 86

ÍNDICE REMISSIVO..... 87

EDUCANDÁRIO EUNICE WEAVER: PERCURSOS DA ASSISTÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO SUL

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 22/09/2021

Antonio Cleonaldo Bento da Silva

Universidade Federal do Acre
Cruzeiro do Sul/Acre
<http://lattes.cnpq.br/0449708501319489>

Maria Irinilda da Silva Bezerra

Universidade Federal do Acre, Centro de
Educação e Letras
Cruzeiro do Sul/Acre
<https://orcid.org/0000-0002-2572-414>

Giane Lucélia Grotti

Universidade Federal do Acre, Centro de
Educação, Letras e Artes
Rio Branco/Acre
<https://orcid.org/0000-0002-1743-5276>

RESUMO: As primeiras casas de acolhimento surgiram na Europa no período da Idade Média, chamada Roda dos Expostos. Era um local que abrigava crianças abandonadas, como uma forma de manter o anonimato do expositor. No Brasil, a Roda dos Expostos foi uma das instituições que mais tempo durou, sendo extinta definitivamente, apenas na década de 1950. Dentre as diversas casas assistencialistas que surgiram no decorrer da história do país, o Educandário foi escolhido como objeto desta pesquisa, que contempla a periodização de 1952 a 1997. Nesse sentido, o estudo tem como objetivo analisar o processo histórico de construção do educandário de Cruzeiro do

Sul Eunice Weaver. Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de cunho descritivo e utilizou como procedimento o levantamento bibliográfico, o estudo de campo e a pesquisa documental. O estudo de campo ocorreu por meio da aplicação da entrevista semiestruturada. Para embasar a pesquisa utilizamos como aporte teórico, autores como: Grotti; Bezerra (2019), Marcilio (2006), Rizzini; Rizzini (2004). Esses autores muito contribuíram para mostrar o papel desenvolvido pelas casas de assistência no Brasil e de que maneira estas instituições mudaram a vida de muitas crianças por ela atendidas. Os resultados da pesquisa apontam que a história do Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver é rica em detalhes e muito contribuiu para o desenvolvimento da vida de muitas crianças e para o progresso da sociedade cruzeirense, sendo um lugar assistencialista de destaque para a comunidade.

PALAVRAS - CHAVE: Educandário. Assistencialismo. Cruzeiro do Sul.

EUNICE WEAVER'S EDUCANDARY: COURSES OF THE WELFARE ON THE CITY OF CRUZEIRO DO SUL

ABSTRACT: The first shelters appeared in Europe in the Middle Ages, called Roda dos Expostos. It was a place that housed abandoned children, as a way to maintain the anonymity of the exhibitor. In Brazil, the Roda dos Expostos was one of the institutions that lasted the longest, being definitively extinct only in the 1950s. Among the various welfare houses that emerged throughout the country's history, Educandário was chosen as the object of this research contemplates the

periodization from 1952 to 1997. In this sense, the study aims to analyze the historical process of construction of the Eunice Weaver's Educandary in Cruzeiro do Sul. This study adopted a qualitative descriptive approach and used bibliographic survey, field study and documentary research as a procedure. The field study was done through the application of semi-structured interviews. To support the research, we used, as theoretical support, authors such as: Grotti; Bezerra (2019), Marcilio (2006), Rizzini; Rizzini (2004). These authors have contributed a lot to show the role played by welfare houses in Brazil and how these institutions have changed the lives of many children they care for. The research results show that the history of Eunice Weaver's Educandary in Cruzeiro do Sul is rich in details and has contributed to the development of many children's lives and to the progress of Cruzeiro society, being a prominent place of assistance for the community.

KEYWORDS: Educandary; Welfare; Cruzeiro do Sul.

1 | INTRODUÇÃO

As primeiras casas de acolhimentos surgiram na Europa na Idade Média, a chamada Roda dos Expostos. Estas instituições foram criadas, sobretudo como uma forma de manter o anonimato do expositor e tinha como objetivo acolher bebês e crianças pobres abandonadas por seus familiares. Essas crianças eram deixadas nas portas das igrejas, nas florestas, nos bosques e lixos. Assim procedendo, a maioria das crianças morria de frio, fome ou até mesmo vitimadas por animais, antes de serem encontradas e recolhidas (MARCILIO, 2006).

No Brasil, a Roda dos Expostos foi uma das instituições que mais tempo durou, sobrevivendo a três regimes políticos. Segundo Marcilio, (2006, p. 51), “criada na Colônia, perpassou e multiplicou-se no período imperial, conseguiu manter-se durante a República e só foi extinta definitivamente na recente década de 1950.” Sendo assim, o Brasil foi o último país a acabar com o sistema da roda dos enjeitados.

Dentre as diversas entidades fundadas para o acolhimento de pessoas em situações de vulnerabilidade, desde bebês até idosos, o Educandário foi a instituição escolhida para protagonizar este trabalho. O Educandário de um modo geral é caracterizado como uma instituição filantrópica, voltada ao atendimento assistencial e educacional de grupos em vulnerabilidade. É uma instituição que acolhe crianças, adolescentes e jovens deixados às margens da sociedade - abandonados por familiares, vindas de lares desajustados, entre diversos outros problemas sofridos pelos mesmos - para assim, proporcionar-lhes educação e um lugar para morar.

Neste trabalho, tratamos do Educandário Eunice Weaver situado no município de Cruzeiro do Sul-Acre. Inicialmente era dedicado a cuidar e educar filhos de indivíduos portadores de hanseníase e atualmente oferece atendimento educacional a crianças da comunidade cruzeirense em que as famílias estão em vulnerabilidade econômica e social. Para entendermos a importância da criação do Educandário no município de Cruzeiro do

Sul, precisamos antes compreender o contexto de sua fundação e a quem estava voltado.

A hanseníase ou lepra “é uma doença crônica, infectocontagiosa, cujo agente etiológico é o *Mycobacterium leprae* [...] a doença acomete principalmente os nervos superficiais da pele e troncos nervosos periféricos”, Brasil (2017, p.06), causando, na maioria das vezes, deformidades em várias partes do corpo, deixando as pessoas com sequelas definitivas.

Diante do exposto, era comum que os filhos das pessoas portadoras da hanseníase ficassem desamparados, sem lugar para morar. Com isso, começaram a surgir lugares de acolhimento para estas pessoas, que na maioria das vezes, eram crianças, adolescentes e jovens. Os educandários surgiram com esta finalidade, acolher crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, abandonados ou impossibilitados de serem cuidados por seus familiares.

Nossa pesquisa teve como objetivo geral analisar o processo histórico de construção do educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver, uma instituição filantrópica que desempenhou um relevante papel social no município, no que diz respeito ao acolhimento, inicialmente dos filhos dos hansenianos, órfãos e crianças vindas de lares desestabilizados. Nesse aspecto, partimos da seguinte problemática: Como surgiu o Educandário de Cruzeiro do Sul? A escolha por esse tema se deu porque até o momento não existe uma pesquisa científica relacionada ao assunto. Portanto, entendemos que é de grande relevância escrever sobre um patrimônio tão importante da nossa cidade, como é o educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver.

Este estudo partiu de uma abordagem qualitativa de cunho descritivo e utilizou como técnicas de coletas de dado o levantamento bibliográfico, a pesquisa de campo e a pesquisa documental.

No que diz respeito ao levantamento bibliográfico foram lidos, pesquisados e conhecidos diversos trabalhos relacionados ao tema. A pesquisa de campo aconteceu por meio da aplicação de entrevista semiestruturada. Nossa opção pela entrevista semiestruturada seu deu pelo fato desta técnica de coleta de dados proporcionar a liberdade ao entrevistador de guiar a entrevista para atender os seus interesse. Fizeram parte dos sujeitos de nossa pesquisa duas ex-internas, apelidadas como DM e DH que contaram um pouco da história que vivenciaram no Educandário nos respectivos anos em que estiveram internadas na instituição. Pedimos que nos contassem como foram morar no educandário, qual a sua forma de ingresso e permanência, como era a rotina do educandário e suas experiências na instituição. As entrevistas foram realizadas de forma presencial com a autorização do entrevistado. O procedimento foi gravado para posterior transcrição, seguida de análise. A análise ocorreu a partir dos autores adotados no referencial teórico.

Quanto à pesquisa documental teve como fonte principal os documentos do Educandário de Cruzeiro do Sul, livros de registros e relatórios, onde coletamos dados e posteriormente analisamos. Após o desenvolvimento da pesquisa documental com a

seleção dos documentos pertinentes, passamos para a segunda etapa que foi a análise dos dados. Finalmente chegamos a terceira e última etapa, a interpretação e análise. Na análise documental consideramos todo o material que contribuiu para a nossa pesquisa, selecionando os documentos originais que enriqueceram nosso trabalho e nos ajudaram a chegar a resultados profícuos.

Para embasar esta pesquisa utilizamos como aporte teórico: Grotti; Bezerra (2019), Marcilio (2006), Rizzini; Rizzini (2004). Esses autores muito contribuíram para mostrar a importância e o papel desenvolvido pelas casas de assistência no Brasil e como essas casas mudaram a vida de muitas pessoas através do acolhimento e assistência. Nesse caminho, a seguir apresentamos o referencial teórico utilizado nesse estudo, no sentido de aprofundar a história das casas de acolhimento no Brasil.

2 | HISTÓRIA DAS CASAS DE ACOLHIMENTO ASSISTENCIALISTA NO BRASIL

Inspirado nos princípios da caridade cristã, o assistencialismo é dado por instituições religiosas, políticas ou civis, entre outras. É uma prática social com o objetivo de minimizar um problema sofrido por determinados indivíduos na sociedade (BOSCHI, 1984). Pessoas com necessidades de assistência de outrem não é algo que veio a acontecer atualmente, esses carecimentos sempre existiram na história da humanidade, mas vem se ampliando com o grande aumento populacional e com a pobreza generalizada pelo mundo.

As primeiras casas de acolhimentos surgiram na Europa Medieval e foram idealizadas através de um sistema chamado Roda dos Expostos, que acolhiam crianças abandonadas nas florestas, portas de igrejas, nas ruas, e demais lugares, normalmente ermos. A roda foi um meio encontrado para manter o anonimato do expositor e assim fazer com que ele levasse a criança para este recinto, ao invés de abandoná-los nas florestas ou nas ruas (MARCILIO, 2006). Assim sendo, impedia que milhares de crianças morressem de fome, frio ou até mesmo fossem vitimadas por animais nas florestas.

No Brasil, a Igreja adotou o mesmo modelo usado na Europa medieval, a Roda dos Expostos. Este sistema teve uma vida longa e sobreviveu a três regimes da história, sendo extinto apenas na década de 1950. Logo, o Brasil foi o último país a abolir as rodas. Ainda de acordo com Marcilio, (2006),

[...] essa instituição cumpriu um importante papel. Quase por século e meio a roda de expostos foi praticamente a única instituição de assistência à criança abandonada em todo o Brasil. É bem verdade que, na época colonial, as municipalidades deveriam, por imposição das Ordenações do Reino, amparar toda criança abandonada em seu território. No entanto, esta assistência, quando existiu, não criou nenhuma entidade especial para acolher os pequenos desamparados (p.51).

Como destacamos, o abandono de crianças, idosos e pessoas incapazes de sobreviver sozinhos não é algo da atualidade, isto vem acontecendo há séculos e em

diferentes regiões do mundo. No Brasil não foi diferente, também ocorreu o abandono de crianças. Com a chegada dos jesuítas no século XVI, a atenção dada às crianças “foi gradativamente sendo instituída por meio de um atendimento educacional que visava submeter à infância indígena aos padrões religiosos católicos” (GROTTI; BEZERRA, 2019, p. 26).

De acordo com Venâncio (2007, apud Grotti; Bezerra, 2019, p. 26) “por volta de 1550, os jesuítas dão início, no Novo Mundo a uma ação pioneira junto às crianças indígenas, criando Colégios de Órfãos para receber curumins sem família”. Os jesuítas não acolhiam somente os órfãos indígenas. Com a chegada dos escravos no Brasil, os filhos destes também eram abandonados e, por isso, foram acolhidos em lugares chamados “Casas dos Muchachos”. Nestes locais eram ensinados de acordo com os princípios católicos. Sobre esta questão Grotti e Bezerra, (2019), afirmam que:

As casas de acolhimento, na realidade, eram importantes instrumentos de conversão dos jovens indígenas à fé católica, uma vez que residindo naquele espaço, assimilavam mais facilmente os valores e dogmas católicos através da convivência cotidiana com os religiosos. [...] foram, inclusive, trazidos de Portugal alguns órfãos para que convivessem com as crianças e jovens indígenas, de modo a facilitar a assimilação dos valores lusitanos e cristãos. Ações dessa natureza permaneceram presentes em todos os períodos da história brasileira nos quais as crianças e adolescentes órfãos foram vistos como um perigo para a sociedade nacional e, como tal, tornaram-se objetos das mais diversas ações, que foram do abandono até às diferentes formas de assistência social (p. 26-27).

Baseado nisso, entende-se que o atendimento às crianças abandonadas no Brasil iniciou com a igreja católica, através dos padres Jesuítas desde o período colonial, visando converter, como já dito, os povos indígenas à fé católica. Sobre esta história das instituições de acolhimento das crianças no Brasil Grotti e Bezerra, (2019), acrescentam que:

Durante o período Colonial, a assistência às crianças abandonadas fora realizada pela Igreja e pelo Estado. Tanto um quanto outro tão somente cumpriram determinadas formalidades legais e jurídicas. O que havia, na realidade, era uma movimentação da sociedade civil em torno de prestar algum auxílio no sentido caritativo. Essa acepção caritativa foi a primeira forma de atendimento prestado às crianças expostas (p. 27).

Estas assistências que as crianças recebiam eram tanto da Igreja quanto do Estado que buscavam cumprir as exigências legais quanto a este tipo de serviço. Quanto a sociedade civil sensibilizada com as situações das crianças, tentava de alguma forma oferecer ajuda, para que as dificuldades fossem minimizadas. Com isso, era realizado com essas crianças um atendimento de cunho caritativo.

O atendimento caritativo acontecia desde a Idade Média na Europa sendo que “[...] a assistência caritativa distinguia o pobre como um eleito de Deus, a quem a Igreja e seus clérigos incentivavam o exercício da caridade”. E “ajudar o pobre seria um dever para o rico, um modo de se redimir da vida abastada [...]” Em relação aos pobres, sua condição

de pobreza, “seria uma bênção recebida da parte de Deus [...]”. (GROTTI; BEZERRA, 2019, p. 28). Com isso, os ricos acreditavam que na medida em que ajudavam os pobres, ganhariam créditos com Deus e estariam mais perto de alcançar o Reino Celestial.

Segundo Grotti e Bezerra (ibidem), “em se tratando de abrigar crianças enjeitadas e expostas, tais conceitos cristãos estiveram presentes no Brasil desde o início da colonização, e perdurou até meados do século XIX”. Essa ajuda aos pobres e enjeitados consistia basicamente em dar esmolas para diminuir sua condição de miséria. As pessoas que recebiam essas ajudas deveriam se sentir gratas a Deus por seu estado de humildade.

Voltando a Roda dos Expostos, a primeira delas no Brasil, foi fundada na cidade de Salvador-BA, no ano de 1726, devido uma preocupação das autoridades dado o grande aumento no número de crianças abandonadas. As rodas estavam ligadas as Santas Casas de Misericórdias. A segunda roda foi fundada no Rio de Janeiro em 1738 e administrada pela Santa Casa local.

Ainda do período colonial no Brasil, foram criadas diversas casas de acolhimentos aos órfãos, tanto abandonados por seus familiares, quanto para filhos ilegítimos. De acordo com Rizzini e Rizzini (2004, p. 24), “as primeiras instituições para educação de órfãos e órfãs datam do século XVIII e foram instaladas em várias cidades brasileiras por religiosos (irmandades, ordens e iniciativas pessoais de membros do clero)”. Nesse entorno Rizzini; Rizzini (2004), dizem que:

O regime de funcionamento das instituições seguia o modelo do claustro e da vida religiosa. As práticas religiosas e o restrito contato com o mundo exterior eram características fundamentais dos colégios para meninos órfãos e dos recolhimentos femininos, sendo que, no segundo caso, a clausura era imposta com mais rigor (p. 24).

Como podemos observar estas autoras afirmaram que o sistema de acolhimento das crianças abandonadas, seguia o modelo de claustro próprio da vida religiosa. Nestas instituições, as crianças abandonadas, eram submetidas a práticas religiosas rigorosas, sendo privadas de todo o contato com o mundo exterior. Isso ocorria com meninos e meninas, porém as meninas sofriam uma repreensão e um enclausuramento muito maior. Com a chegada do Iluminismo no século XIX, “século das luzes”, o atendimento as crianças passou por uma mudança radical. Rizzini e Rizzini (2004) pontuam que,

[...] por influência do ideário da Revolução Francesa, progresso e civilização vão nortear os programas educacionais do mundo ocidental – os asilos para crianças pobres sofrem mudanças gradativas rumo à secularização da educação. Questiona-se o domínio do ensino religioso em detrimento do ensino “útil a si e à Pátria”, embora o primeiro nunca tenha deixado de fazer parte dos programas das instituições públicas. Percebido como garantia da transmissão dos preceitos morais, dos bons hábitos e das noções de ordem e hierarquia, nunca se cogitou seriamente em excluí-lo dos asilos e das escolas oficiais (p. 24).

Outros grupos de órfãos passaram por internatos embora de forma tímida. “Os filhos

de escravas, os ingênuos (aqueles nascidos livres com a Lei do Ventre Livre, de 1871) e as crianças indígenas não foram alvos privilegiados das intervenções das instituições religiosas, privadas ou governamentais, no Império brasileiro” (RIZZINI; RIZZINI, 2004, p. 27-28). Ainda de acordo com as autoras quanto aos escravos, até os dias atuais não foi descoberta nenhuma “existência de qualquer instituição que tenha atendido exclusivamente a filhos de escravas ou ingênuos”. (RIZZINI; RIZZINI, 2004, p. 28).

Do período colonial até a república foram fundados diversos modelos de internatos que abrigavam crianças e jovens abandonados. Um desses internatos foi o educandário, uma instituição que além de oferecer um assistencialismo as crianças e jovens abandonados, oferecia também uma chance desses jovens serem alfabetizados. Os educandários funcionavam no modelo de internato e as crianças que frequentavam estas instituições tinham que seguir as normas estabelecidas, como por exemplo, uma rotina diária, com horário para acordar, almoçar, dormir, etc. Fundadas para um público específico ou para o público em geral, os educandários no Brasil cumpriram um importante papel assistencialista e educacional.

A seguir trazemos os resultados e discussão do nosso estudo, no intuito de apresentar os dados coletados e as considerações a que chegamos.

3 | A HISTÓRIA DE CRIAÇÃO DO EDUCANDÁRIO DE CRUZEIRO DO SUL EUNICE WEAVER

O Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver está situado na Avenida 25 de Agosto, nº 2503, em Cruzeiro do Sul-AC é uma instituição filantrópica sem fins lucrativos, fundada no dia 02 de março de 1952. Quando foi criada tinha como objetivo abrigar, atender, educar e desenvolver integralmente os filhos dos hansenianos. Porém abria suas portas também a casos de órfãos e crianças vindas de ambientes desajustados, em que um dos pais abandonara a família. Além do acolhimento, a instituição oferecia assistência religiosa, moral, física e médica para as crianças menores que lá eram internadas.

O Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver, teve apoio da Liga de Assistência a Família dos Lázaros, com o objetivo de oferecer assistência às famílias dos hansenianos. Posteriormente, mudou o nome para Sociedade de Defesa Contra a Lepra de Cruzeiro do Sul e hoje é denominada de Sociedade Eunice Weaver de Cruzeiro do Sul- Educandário.

Quando do período de sua inauguração, havia à época milhares de casos de lepra no Brasil, e quem mais sofria com isso eram as pessoas em vulnerabilidade socioeconômica, especialmente àquelas das regiões mais distantes do centro do Brasil. Cruzeiro do Sul é uma cidade no interior do Acre, com isso na década de 1950, as informações eram bastante escassas sobre a doença. Então o portador da lepra era excluído do convívio social e, conseqüentemente, seus familiares também. A sociedade local entendia que a lepra era transmissível pelo toque. Sendo assim, houve a necessidade de ter um lugar onde pudesse

abrigar os filhos dos hansenianos que sofriam os efeitos da doença, tanto quanto seus pais.

Eunice Weaver teve um olhar atencioso e misericordioso para as crianças e jovens e fundou diversas casas de acolhimento pelo Brasil. O Educandário de Cruzeiro do Sul faz parte da iniciativa da Senhora Eunice Weaver que, inquieta com os problemas que a hanseníase causava a população e tendo presenciado a vida crítica de muitos doentes naquela época, comprometeu-se em ajudar e amparar aqueles que vagavam pelas estradas e fazê-los menos infelizes, lutando para que houvesse a compreensão e solidariedade humana.

Dessa forma, em 19 de novembro de 1952 realizou-se a inauguração do Educandário de Cruzeiro do Sul, com a presença da Senhora Eunice Weaver.. De acordo com o Jornal da época “O Rebate” (1952),

No dia 19 do corrente, ao se ter notícia que o avião da S.A Cruzeiro do Sul, se aproximava, começou o povo desta cidade e **circunvisinhanças** a rumar ao Educandário, pois sabia se que Da. Eunice Weaver, acompanhada do Dr. Júlio Alves Portela, Diretor de Saúde no território e representante do Sr. Governador Dr. João Kubitscheck de Figueiredo, viriam fazer a inauguração oficial daquele estabelecimento. (...) Ali tivemos oportunidade de ver criancinhas, as quais estariam reservados o infortúnio e a miséria com os pais recolhidos ao **Leprozario**, brincando sorridentes como se um novo mundo se lhes abrisse as portas (grifos do autor).

É visível que a entidade tinha grande importância dado o tumulto social gerado pela comunidade, no dia da sua inauguração. Também se fizeram presente autoridades de todas as esferas do poder público como: O Prefeito Municipal, Chefe do Posto de Saúde, Procurador da República, Inspetor Escolar, Padres, Diretor do colégio São José, Gerente do Banco do Brasil, Inspetor Agrícola, Comissário de Polícia, altas figuras do comércio local, dentre outros e a comunidade de forma geral (Jornal, O Rebate, 1952).

Inicialmente, o Educandário foi dirigido por membros da comunidade e era mantido pela Liga de Assistência a Família dos Lázarus, pela Federação das Sociedades Eunice Weaver e pelas senhoras da diretoria feminina que arrecadavam donativos das famílias locais e os sócios benfeitores.

No Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver, foram atendidas crianças, adolescentes e jovens de 0 a 18 anos, sem distinção de sexo, cor, raça, nacionalidade e crença religiosa (Estatuto da Sociedade Eunice Weaver de Cruzeiro Do Sul, 1961). De acordo com os dados obtidos, no ano de 1952 deu entrada no Educandário 20 crianças, entre meninas e meninos, advindas dos mais diversos lugares da região do Juruá e até mesmo de municípios do estado vizinho, o Amazonas. Estas tinham idades diferentes, entre 0 a 13 anos.

Grande parte dessas crianças vinham da Colônia Hernandes Agrícola, situada dentro da cidade de Cruzeiro do Sul, o lugar onde ficavam os hansenianos em tratamento. Segundo a entrevistada DH, ela nasceu na Colônia e foi levada no mesmo momento para

o Educandário. Ela relata que foi “só cortar o umbigo e fui para o Educandário”. E lá ela permaneceu até os 18 anos de idade. Era comum naquela época, no ato do nascimento, as crianças serem separados dos pais hansenianos que estivessem em tratamento. A maioria das crianças que nasciam na Colônia só ia ter contato com os pais ou algum familiar depois de certa idade.

O Departamento Nacional de Saúde Pública (1923), no seu Art. 148, parágrafo “f”, onde se refere aos estabelecimentos para filhos dos hansenianos, diz que eles serão levados logo após o seu nascimento para um estabelecimento que tenha pessoas sãs e que sua mãe não poderá alimentá-los se esta for leprosa. Seguindo esta orientação, milhares de crianças que logo após nascerem foram “arrancadas” dos braços de suas mães e de seus familiares. Na época estas eram consideradas medidas profiláticas para o controle da doença.

A entrevistada DM relatou que quando foi para o educandário, com apenas um ano de idade, disseram para ela que era órfã de pai e mãe. Este aspecto pode ser observado num trecho de sua fala:

[...], assim o que foi colocado pra gente é que nós não tínhamos pais, não tínhamos mãe, ninguém né. Então a gente estava lá porque nossos pais haviam falecidos. A gente cresceu com essa ideia de que não tinha pai e não tinha mãe (DM, 2021).

As crianças que vinham para o Educandário eram tidas como órfãs e ficavam à espera de adoção, de uma pessoa bondosa que pudessem “resgatá-los” dali. Porém nem todas as pessoas que tinham a intenção de adotar eram caridosas. Nessa direção, a entrevistada DM relatou um caso de um jovem que ao ser adotado sofreu abusos físicos.

[...] teve um até que fugiu, ele voltou, chegou lá com as costas tudo sangrando de peia que ele pegou. Eu o escondi lá naqueles matos perto que era mata fechada e a gente combinou que cada horário de refeição ia alguém escondido deixar comida pra ele numa casinha que a gente fez lá e a noite ele vinha. Os meninos abriam a janela e ele deitava lá e dormia só que uma noite ele dormiu demais, aí quando chegaram pra chamar a gente pra ir pra igreja, porque todos os dias tinha a missa das 6h, ele estava lá. Chamou o homem que tinha adotado ele e vieram buscar. Depois ele fugiu da casa desse homem e ficou por aí. Ele ficou maior, o meu irmão encontrou ele em Rio Branco e um pouco tempo ele faleceu, porque ele ficava na rua, o meu irmão ainda o levou pra casa dele algumas vezes, mas como ele não estava bem da cabeça né, ele fugia. Meu irmão procurava e não achava aí quando encontrava ele levava, ele fugia de novo (DM, 2021).

É perceptível que nem todos os internos tiveram uma vida tranquila, alguns sofreram mesmo após saírem do Educandário. Aqueles que tiveram mais sorte, os familiares voltaram para buscar e outros eram adotados por pessoas de boa índole. Mas a grande maioria permanecia no Educandário até completarem 18 anos e saírem para a vida adulta, casamento, trabalho, etc. Badin (1973, p. 33) diz que a mãe e o filho no primeiro ano de vida funcionam como se fossem uma única pessoa, por isso a importância da mãe nesse

momento de desenvolvimento da criança. Mesmo que o Educandário oferecesse atenção e carinho às crianças, nunca seria como se elas estivessem com seus pais.

Desde a fundação até o ano de 1971 o Educandário foi dirigido por membros da comunidade. A partir de 1971, chegaram ao Acre às irmãs da Divina Providência que se colocaram a disposição para ajudar no Educandário. Esse foi um momento muito importante para este estabelecimento, pois estava chegando mais pessoas para ajudar nos cuidados das crianças. Neste mesmo ano Dom Henrique Ruth, bispo da Diocese de Cruzeiro do Sul, assumiu a presidência do Educandário.

Segundo o documento “Relatório do Educandário”, de 1981, nos anos posteriores ocorreram melhorias significativas na estrutura física e reformas na instituição. Em 1980 a ala mais antiga do Educandário, que estava em reforma desde 1979 foi renovada. Neste pavilhão funcionaram a sala de televisão, biblioteca e estudo, uma sala para o jardim de infância, um apartamento completo, sala de estar para um grupo de 14 crianças, sanitários e uma vasta área coberta para abrigar as crianças em dias de chuva. E mais, uma área coberta que fica no próprio pátio foi restaurada, revestida de azulejos e de uma pintura que ofereceu um aspecto alegre e agradável. Ainda segundo o documento, a Fundação do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) doou grande parte dos móveis para as áreas reformadas. E todo o restante das despesas que uma construção exige ocorreu por conta da Prelazia (Relatório do Educandário, 1981).

Grandes avanços teve o Educandário para a melhoria de vida dos internos. Foi feito também um poço para sanar o grande problema com a falta de água. “Muito dinheiro e muito esforço foram empenhados na conservação da casa. A Prelazia coloca constantemente funcionários a disposição para casos de emergência” (Relatório do Educandário, 1981).

A mudança com a chegada de religiosos para a direção do Educandário foi sentida também pelos internos. A entrevistada DM diz que antes dos padres e irmãs tomarem de conta, tudo era mais difícil, questão de alimentação, roupa, etc.

[...] no período antes dos padres tomarem de conta, era uma vida mais difícil [...] Era a dona Dalva e o seu Zunilde e a dona Idelta, só que tinha uma, a dona Eunice que era a presidenta e a dona Carmencita, só que elas moravam fora, no Rio de Janeiro e eles vinham de tempo em tempo. Ai eles vinham faziam visitas e assim era um período que a gente sofreu muito, por conta que muitas coisas aconteceram lá. Às vezes eu nem gosto de falar isso, porque eram coisas até pesadas, porque o marido dessa pessoa que tomava conta da gente ele era alcoólatra e ele acabava desviando o que vinha pra lá. Ai a gente passava fome, andava sem roupa, dormia no chão, foi uma vida bem difícil, só que quando essas pessoas que eram a coordenadora e a diretora vinham tudo mudava de figura. Porque eles sempre guardavam uma roupa e um calçado e quando os coordenadores tudo era só maquiagem mesmo. Quando eles iam embora, já dizia: tira tudo e guarda que era pra outra viagem que eles viessem ter. Então a gente passava muita fome também, foi um período bem difícil [...] (DM, 2021).

Na continuidade da entrevistada, DM diz que depois que os religiosos foram para o

Educandário tudo melhorou. Os internos tinham cama para dormir, roupas e ajudavam nas tarefas, sempre acompanhado de um adulto, como é possível observar no trecho a seguir:

[...] na época que os padres tomaram de conta, aí não, mudou muito a gente tinha cama pra dormir, tinha roupa, a alimentação boa e também bem variada. A gente fazia as tarefas todas, eram acompanhadas com funcionários, a gente só ajudava, tinha o momento para estudar, o momento para brincar, foi determinada a hora pra tudo, tinha o momento pra tudo (DM, 2021).

Houve uma grande mudança pelo ponto de vista da entrevistada, sendo portanto, benéfica para todos os internos que viram a sua vida que era tão sofrida, melhorar um pouco. Começaram a ser respeitados e tratados como criança, dando espaço para a infância ser desenvolvida e aproveitada pelos internos. Durante esse tempo foi recebida ajuda de muitos colaboradores. As crianças recebiam assistência médica de voluntários, dentre eles estão Dr. Paulino do 7º BEC, Dr. Correia, Dr. Hamilton, além da assistência dentária oferecida pelo 7º BEC e exames laboratoriais oferecidos pelo Dr. Érico Roberto Freitas (Relatório do Educandário 1981).

Em 1993, depois de muito ajudarem e contribuírem para o desenvolvimento e crescimento do Educandário, as Irmãs da Divina Providencia foram chamadas de volta por sua congregação e tiveram que voltar para Santa Catarina, entregando a direção da instituição. Em 1994 as irmãs Franciscanas do Mártir São Jorge assumiram o trabalho no Educandário.

Do ano de 1952 a 1997 foram atendidas mais de mil crianças, de acordo com os dados obtidos pelo livro de registro do Educandário. Mas, esse número pode ser bem maior.

O Relatório do Educandário de Cruzeiro do Sul de 1981, apontou que os recursos para manter a instituição com todas as crianças vinham de vários lugares através de doações e convênios, como: um pequeno auxílio de verba federal, contribuição mínima dos sócios, contribuição voluntaria da Federação das Sociedades Eunice Weaver, pequena contribuição das Cáritas em alimentos, contribuição espontânea da prefeitura, contribuição voluntaria do 7º BEC (atua 61 Bis), contribuição da prelazia do Alto Juruá, contribuição das Irmãs a Divina Providência. E também do convênio com a Fundação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), que firmou um convênio no ano de 1972 para cursos de Horticultura, Cortes e Costuras para os internos do Educandário e crianças da redondeza, foi doado (LBA) estadual, a quantia de CR\$ 20.000 (vinte mil cruzeiros).

O Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver funcionou na modalidade de internato até o ano de 1998. A partir de fevereiro de 1998 começou o atendimento na modalidade de semi-internato, sendo que as crianças de 2 a 6 anos de idade entravam 8h da manhã, de acordo com o Livro de Registro do Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver só consta o horário de entrada dos internos, não há horário de saída. Encontramos relatos de que no ano de 1999 foram atendidas 80 crianças semi-internas de 2 a 6 anos de idade. E assim continua funcionando como semi-internato até os dias atuais.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objeto de estudo o Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver e estabeleceu como objetivo analisar o processo histórico de construção do educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver. Nesse caminho, a pesquisa nos possibilitou conhecer um pouco da história do Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver de 1952 a 1997 e da sua importância para a comunidade cruzeirense e demais municípios da região através do acolhimento e desenvolvimento educacional de crianças e jovens, especialmente dos filhos de hansenianos.

A criação do Educandário de Cruzeiro do Sul aconteceu com a finalidade de atender, educar e desenvolver crianças e também oferecer assistência médica, religiosa, moral e física para os internos. Muitas crianças chegavam na instituição em seus primeiros dias de vida e seguiam durante toda a infância e adolescência, saindo quando se tornavam adultas. Outras podiam ser adotadas por pessoas da comunidade e aguardar os familiares requerem a sua guarda. Mas o certo, é que estas crianças, no geral, eram afastadas do convívio da família devido a doença acometida pelos pais.

Seguindo esse caminho, afirmamos que o atendimento assistencial oferecido pela Instituição, mesmo com as dificuldades e desafios enfrentados, mudou a vida de diversas crianças cruzeirenses e de regiões vizinhas, ao oferecer-lhes moradia, alimentação, assistência médica e educacional, garantindo um desenvolvimento físico, emocional e intelectual as crianças e adolescentes por ele atendidos. Assim, o Educandário de Cruzeiro do Sul Eunice Weaver foi a principal casa de assistência que funcionou no município de Cruzeiro do Sul, tendo seu âmbito de contribuição expandido para todos os demais municípios da região.

REFERÊNCIAS

BADIN, Miriam. **As relações pais e filhos**. A importância da família na saúde emocional dos jovens. Curriculum, Rio de Janeiro, p. 29-39, abr-jun. 1973.

BOSCHI, Caio César. O Assistencialismo na capitania do ouro. **Revista de História**. São Paulo. n. 116. p. 25-41. jun. 1984. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61358/64290>. Acesso em 14 de dez de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Guia prático sobre a hanseníase**. Brasília, 2017.

GROTTI, Giane Lucélia; BEZERRA, Maria Irinilda da Silva Bezerra. Assistência à infância: história de uma educação moralizante e higienista. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 3, p. 182-201, Set./Dez. 2019.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A Roda dos Expostos e a Criança Abandonada no Brasil Colonial: 1726-1950. In: FREITAS, M. (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006. p.53-79.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A Institucionalização de crianças no Brasil**: Percurso histórico e desafios presentes. Rio de Janeiro: PUC, 2004.

DOCUMENTOS ANALISADOS

Jornal O Rebate AC (1952)

Primeiro Livro de Registro do Educandário.

Relatório da I Conferência Nacional de Assistência Social aos leprosos, ocorrida no Rio de Janeiro de 12 a 19 de novembro de 1939. Disponível em: <http://www.hansen.bvs.isl.br>. Acesso em: 29 de maio de 2021.

Relatório Sobre Obra Alheia 1981

SOBRE A ORGANIZADORA

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE - Possui graduação em serviço social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013) e Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2018). Atualmente é professora colaboradora do curso de Serviço Social da UEPG, tutora da Especialização em Gestão Pública/RESTEC pela UEPG e presta assessoria e consultoria em relação a política de assistência social e garantia dos direitos. Atua principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, assistência social, políticas públicas, cidadania e família.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Assistência social 50, 59, 77, 85, 86

C

Campo jurídico 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Ciência 30

Cruzeiro do Sul 73, 74, 75, 79, 80, 82, 83, 84

D

Derechos fundamentales 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72

Desastres naturais 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Descripción 61

E

Educandário 73, 74, 75, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

G

Gênero 30

Gestão de riscos 14, 15, 16, 17, 18, 24, 25, 26, 27

I

Imagens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12

Imaginários 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10

Integração 24, 25, 42

Intervenções em espaços públicos 42

L

Litoral do Paraná 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

M

Minha Casa Minha Vida 42, 43, 46, 47, 53, 60

N

Nulidad 61, 70, 71

P

Pandemia 1, 2, 3, 6, 8, 10, 11, 12, 35

Perspectiva feminista 30

Políticas públicas 14, 15, 16, 22, 23, 25, 26, 27, 47, 49, 53, 58, 59, 86

Pós-ocupação 42

Proceso penal 61, 64, 65, 66, 69, 72

Prueba no reglada 61, 66

T

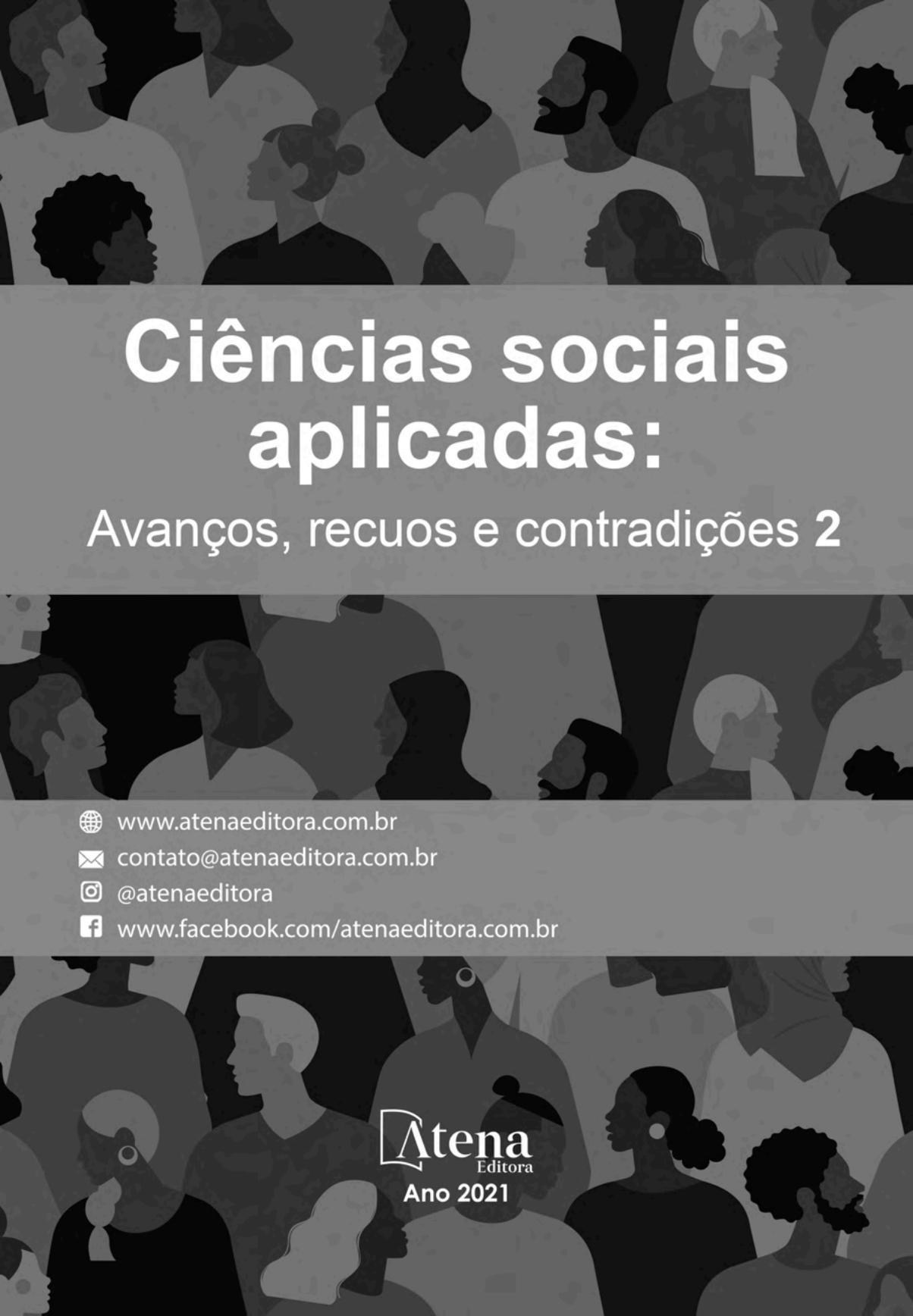
Tecnologia 30

Território 16, 17, 26, 42, 49, 53, 59, 76, 80

Turismo 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28

V

Valoración 61, 62



Ciências sociais aplicadas:

Avanços, recuos e contradições 2

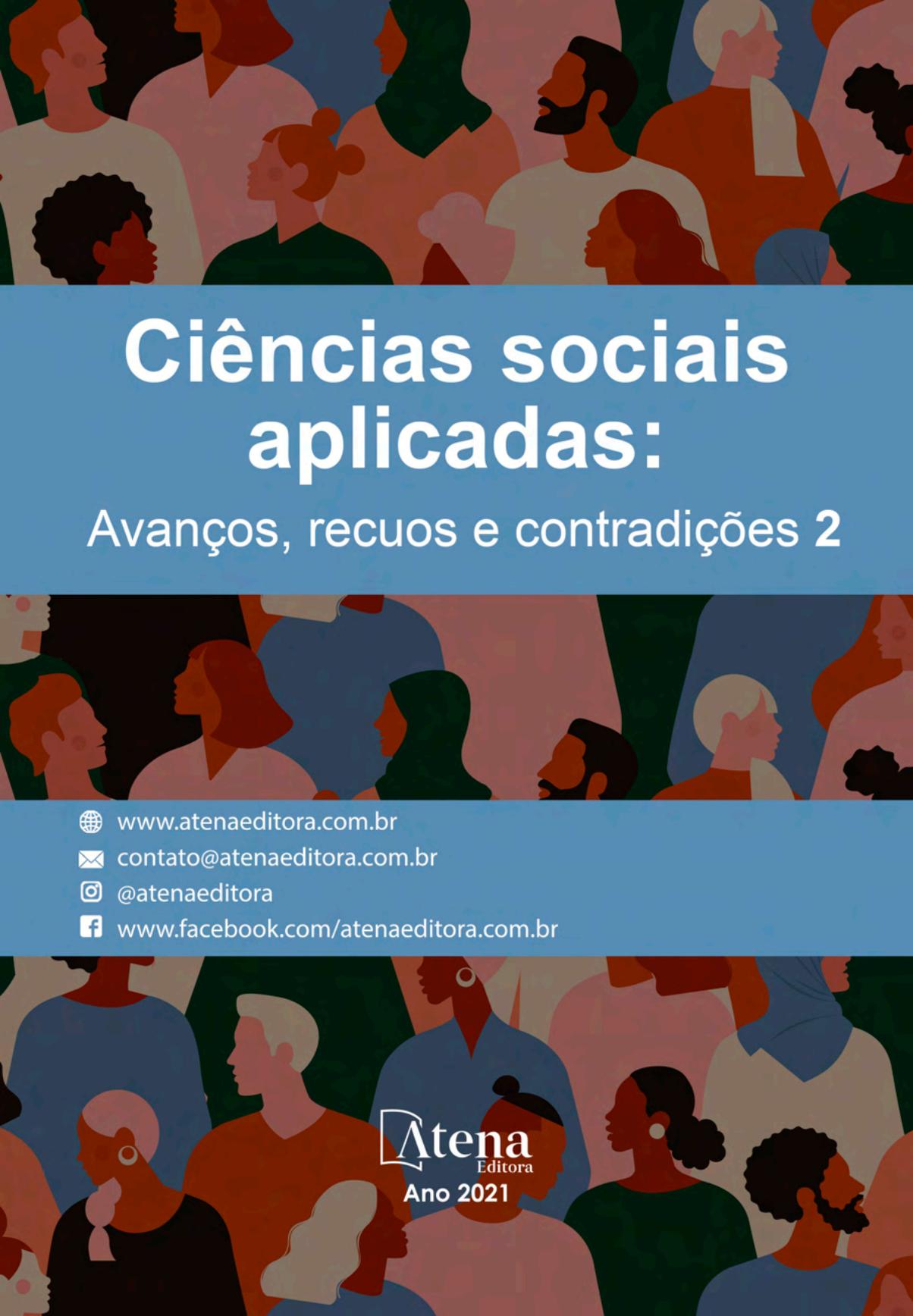
 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

**Atena**
Editora
Ano 2021



Ciências sociais aplicadas:

Avanços, recuos e contradições 2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2021